

CORDEL EM SALA DE AULA: NOVAS LEITURAS E PRÁTICAS DE ESCRITA QUE PROMOVEM A INCLUSÃO ENTRE ALUNOS DA EJA

Gilvan de Oliveira, Rodrigo Leone Alves, Saulo de Tarso A. Dantas

IFRN - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

gilvan.oliveira@ifrn.edu.br, rodrigo.leone@ifrn.edu.br, saulo.dantas@ifrn.edu.br.

Resumo:

No Brasil, a falta de interesse dos alunos pela leitura tem ganhado proporções estarrecedoras. Esse quadro se torna mais agravante entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O que fazer para promover a inclusão do aluno da EJA na prática do letramento? Que práticas de leitura pode ser trabalhado com esses alunos para que estes passem a se interessar pelos livros? Este trabalho é resultado dessas indagações e desenvolve uma proposta pedagógica que utiliza o cordel como uma ferramenta didática que procura incluir o aluno da EJA numa de prática de leitura e escrita verdadeiramente significativa. O projeto tem como objetivo despertar o interesse do aluno da EJA pela leitura e ao mesmo motivá-lo a escrever a partir da leitura de outros cordéis. A pesquisa foi subsidiada por autores que procuram discutir o desenvolvimento histórico do gênero cordel, suas práticas sociais no decorrer do tempo, bem como seu contexto de produção em sala de aula. O projeto foi desenvolvido com os alunos do 3º nível da EJA da escola Municipal Juvenal Lamartine em Natal Rio Grande do Norte e teve duração de dois meses. Durante esse período, foi desenvolvida uma sequência didática com quatro momentos distintos: 1) leitura de cordéis 2) abordagem teórica; 3) produção individual; 4) produção coletiva e reescrita de cordéis. Esse trabalho resultou na produção de um livreto em que os alunos narravam suas experiências durante o período do curso.

Palavras-chave: cordel, inclusão, letramento, leitura, escrita.

Abstract

In Brazil, the lack of interest on reading by some students has gained concerning proportions. This picture becomes more intense among the students of a specific mode of brazilian education known as Education for Youth and Adults – EJA in portuguse. Questions like, what to do to include this student in the practices of an adult education literacy, and, what reading practices can really work with these students so that they start to become interested in books, arises. This paper is a result of these questions and develop a pedagogic proposal using the Cordel Literature as a didactic tool which seeks to include this student in EJA practice of reading and writing truly meaningful. This

project aims to increase EJA student interest on reading and yet motivate them on writing based on other Cordel texts. This research was supported by authors seeking to discuss the historical development of the genre line, their social practices over time, as well as its context of production in the classroom. Moreover, this project was developed with students in the 3rd class grade of the EJA from the municipal school Juvenal Lamartine in Natal city on the Rio Grande do Norte state. During this period, a didactic sequence was issued on which is composed of four distinct events: 1) Cordel Literature reading; 2) theoretical approach; 3) individual work; 4) collaborative work and Cordel rewriting. This paper yielded as a result a booklet in which students recounted their experiences during the course.

Key-words: cordel literature, social inclusion, literacy, reading, writing.

Introdução:

No Brasil, a falta de interesse dos alunos pela leitura tem ganhado proporções estarrecedoras. Esse quadro se torna mais agravante entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que muitas vezes se sentem excluídos do processo de letramento devido o tipo de formação que recebem. O Aluno da EJA se considera incapaz de ler textos que aparecem nos livros selecionados durante sua formação, pois muitas vezes o material didático enviado pelo MEC deixa de valorizar suas experiências, seus costumes e sua cultura. O que fazer para incluir o aluno da EJA na prática do letramento? Que práticas de leitura pode ser trabalhado com esses alunos para que estes passem a se interessar pelos livros?

Este artigo é resultado dessas indagações e desenvolve uma proposta pedagógica que utiliza o cordel como uma ferramenta didática que procura incluir o aluno da EJA numa de prática de leitura e escrita verdadeiramente significativa.

O projeto tem como objetivo despertar interesse do aluno da EJA pela leitura e ao mesmo motivá-lo a escrever a partir da leitura de outros cordéis. O projeto foi desenvolvido com os alunos do 3º nível da EJA da escola Municipal Juvenal Lamartine em Natal Rio Grande do Norte e teve duração de dois meses. Durante esse período, foram realizados encontros semanais em que foi possível desenvolver uma sequência didática capaz de proporcionar ao aluno da EJA por meio da leitura de cordéis:

1) Desenvolver o gosto pela leitura e o prazer de escrever poesia, compreendendo o texto literário como uma forma de humanização;

2) despertar a turma para o prazer de leitura e ao mesmo motivá-los a escreverem a partir da leitura de outros cordéis.

Toda prática pedagógica do projeto está ancorada em teorias que procuram analisar a evolução histórica do gênero cordel, suas práticas sociais no decorrer da história, bem como seu contexto de produção em sala de aula.

O projeto foi executado em quatro momentos distintos: 1) leitura de cordéis 2) abordagem teórica; 3) produção individual; 3) produção coletiva e reescrita de cordéis. Este artigo descreverá passo a passo as atividades desenvolvidas com os alunos durante os dois meses em que estivemos na escola Municipal Juvenal Lamartine.

1. TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DO GÊNERO CORDEL E AS PRÁTICAS SOCIAIS NA EVOLUÇÃO DO GÊNERO

O cordel constitui-se como um gênero textual que nem sempre apresentou a configuração que tem hoje. Historicamente, ele foi passando por algumas transformações. Assim como os gêneros do discurso são sensíveis às mudanças, o cordel foi apresentando características distintas à medida que o tempo foi passando.

Nos parágrafos seguintes, trataremos de algumas transformações sofridas por esse gênero. Primeiramente, o cordel viveu um período conhecido como a era clássica do cordel. Sobre esse período Curran (1998, p. 17) registra:

A literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil. Consiste, basicamente, em longos poemas narrativos, chamados “romances” ou “histórias”, impressos em folhetins ou panfletos de 32 ou, raramente, 64 páginas, que falam de amores, sofrimentos ou aventuras, num discurso heróico de ficção. Esta é uma parte significativa do cordel em termos de número de poemas publicados, mas nem de longe representa todo o gênero. Um segundo tipo de impresso, o folheto com oito páginas de poesia circunstancial ou de acontecido, também contribui para o corpus total. Completa o quadro o duelo poético, chamado “peleja”, “desafio” ou termo equivalente...

Inicialmente o cordel apresentava uma sequência narrativa. No auge de sua produção, ele era equiparado ao romance. Diegues Jr. (1977) já registra que na década de 1970 a realização mais comum no cordel era os chamados “romances”. Basicamente a função social desse gênero seria apenas narrar histórias, principalmente aquelas

ligadas às crenças e valores medievais. Viviane de Melo Resende, num artigo intitulado LITERATURA DE CORDEL: UMA APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA AO GÊNERO, afirma que “O cordel tradicional cumpria, com os romances e histórias de princesas e países longínquos, papel semelhante ao que hoje se pode atribuir à novela televisiva” (RESENDE, 2007, p. 414).

Para a pesquisadora essa sua função (do cordel) já não é marcante, talvez justamente pela popularização da TV com seus romances em capítulos (RESENDE, 2007). A autora defende que o cordel perdeu o propósito inicial a que se propunha. Com o tempo, ele se desvincula do modelo tradicional e passa a fazer parte de outras práticas sociais. Segundo ela, inicialmente o cordel desempenhava o papel de ‘jornal do Sertão’ Como podemos observar no depoimento de Gonçalo, uns dos cordelistas entrevistados em sua pesquisa:

A partir de 1920, até chegar o momento culminante da literatura de cordel do Nordeste como veículo de comunicação, o folheto de cordel superou todos os veículos existentes no momento, até mesmo o jornal. Era muito comum chegarem as velhas locomotivas, as marias-fumaças madrugarem nas estações ferroviárias naquele tempo, trazendo jornais com as notícias de maior impacto social e os camponeses dizendo: ‘Não, rapaz, isso é conversa de jornal, rapaz! Você não acredite! Você só acredite se sair no cordel, no folheto, no fim da semana’. E assim foi com a própria morte de Getúlio Vargas na década de 50, em 54, e mais anteriormente com a morte de Corisco em 1940, com a morte do Lampião em 1938. (Gonçalo Ferreira da Silva)

Além do papel jornalístico do cordel. A autora destaca ainda outras funções sociais do gênero:

Outra função social que era desempenhada pelo cordel tradicional e que não se observa hoje é a de alfabetização. Muitos estudos fazem referência ao papel dos folhetos na alfabetização de um número expressivo de pessoas, de modo autodidata, principalmente durante seu apogeu. (RESENDE, 2007, p.414)

Sobre essa função do cordel, ela cita Galvão (2001). Este aponta um papel didático do gênero:

Os depoimentos parecem indicar que a alfabetização por meio do cordel dava-se de maneira autodidata: através da memorização dos poemas, lidos ou recitados por outras pessoas, o “alfabetizando”, em um processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, procedia, ele mesmo, à aprendizagem inicial da escrita. Em outros casos, o folheto aparece como o principal motivador para que os

meios formais de aprendizado da leitura e da escrita fossem procurados. (RESENDE, 2007, p. 414. Apud GALVÃO, 2001, p. 186)

Para Resende (2007, p. 412), “Assim como o contexto de distribuição foi profundamente modificado, também se modificaram as práticas de produção e consumo”. Ela acrescenta que o gênero cordel passou por marcantes modificações que se pode observar no gênero na contemporaneidade (RESENDE, 2007). Abaixo estão duas citações da autora que tenta descrever a configurações atuais do gênero:

Se no período tradicional os romances eram mais numerosos que os folhetos circunstanciais, hoje se observa o contrário: a maior parte da publicação atual é de folhetos circunstanciais de oito páginas ou, no máximo, 16 – excluídas, é claro, as reedições de clássicos do período tradicional. (RESENDE, 2007, p. 411)

O cordel contemporâneo cumpre um papel social engajado com questões sócio-políticas atuais, o que se dá de duas maneiras principais: o comentário de fatos reais ocorridos no Brasil e no mundo ou, mais raramente, a narrativa sobre problemas contemporâneos, acrescentando-se sempre juízos de valor (Resende, 2005). Ambos os casos constroem-se em folhetos circunstanciais, que raramente ultrapassam as oito páginas. (RESENDE, 2007, p.414)

Para autora, essas transformações que vem sofrendo o gênero cordel, tem haver com as necessidades sociais dos leitores. Uma vez que se envolve em novas práticas de consumo, vão revendo as necessidades do gênero, muda-se sua configuração, bem como sua abordagem temática. Nesse sentido, Souto Maior (1976, p. 14) argumenta:

Os poetas populares estão enveredando por outros caminhos, uma vez que não são tão semi-analfabetos como eram há algumas décadas passadas e estão participando do desenvolvimento da região e, através de seus folhetos, eles enviam suas mensagens, instruindo o povo que assim toma conhecimento dos problemas nacionais (...) Este novo impulso que está tomando a literatura popular em verso constitui, evidentemente, uma prova de que o folheto não está morrendo mas sofrendo modificações em seu conteúdo e atualização em sua temática.

Resende mostra que hoje o gênero cordel assumiu outras funções sociais, principalmente depois do advento da mídia. É dela que os cordelistas modernos extraem o conteúdo de seus versos. Segundo a pesquisadora é marcante a recontextualização de materiais simbólicos oriundos da mídia na literatura de cordel (RESENDE, 2007)

São discussões como estas que nos ajuda a compreender a dinâmica do gênero cordel. Foram referenciados por esses autores que selecionamos alguns títulos de cordéis que serviriam como prática de leitura entre os alunos da EJA. Não levamos para

sala de aula apenas trechos clássicos, mas também títulos que mostram a configuração atual desse gênero. Com isso pretendíamos estimular não só a prática de leitura de cordéis pelos alunos, mas também a produção de seus próprios versos. Uma forma desses alunos se sentirem autores de suas próprias histórias.

LETRAMENTO E INCLUSÃO NA SALA DE AULA

Andréa Betânia da Silva, professora auxiliar da Universidade do Estado da Bahia num artigo intitulado O TRABALHO COM CORDÉIS EM SALA DE AULA: PENDURANDO PRECONCEITOS E COLHENDO FRUTOS, discute a importância de se trabalhar o gênero cordel em sala de aula. Sua pesquisa procura destacar a importância da literatura popular numa sociedade em que esse tipo de literatura ainda é visto com preconceito.

Segundo ela, a sociedade atual atribui à escrita um lugar preponderante, colocando a oralidade em segundo plano (SILVA). Para que a escola possa incluir o aluno que se encontra fora de faixa, é preciso reconhecer “o valor da oralidade” pois esta se adapta “constantemente às novas necessidades apresentadas pelo desenvolvimento de habilidades relacionadas à produção e à leitura de gêneros escritos” (SILVA, p. 6)

Não se pode atribuir uma larga valorização da cultura escrita, excluindo as camadas da sociedade que detém o domínio da cultura oral, pois os bens culturais devem estar disponíveis também para aqueles que “pertencem a camadas sociais que dispõem muito pouco desses recursos” (SILVA, p. 6). Faz-se então necessário o estudo de gêneros textuais que permitam aos alunos “usufruir de bens culturais a princípio inacessíveis para uma grande parte da população” (SILVA, p. 6).

Para Silva, os cordéis são textos que apresentam construções muito próximas dos textos orais, pois foram desenvolvidos “na escrita a partir de pressupostos da oralidade, visto que sua construção visa à oralização, o que lhe confere um ritmo próprio da fala, incorporando elementos presentes nas cantorias” (SILVA, p. 6).

Infelizmente, o cordel tem conferido um lugar menor no contexto social, sendo excluindo das práticas de leitura e escrita na maioria das escolas do Brasil. Isso ocorre até mesmo no nordeste “onde esse tipo de texto é mais popular, o cordel e o

repente normalmente são ignorados e/ou desconhecidos entre professores escolas do nordeste” (SILVA, p. 6).

O TRABALHO COM CORDEL E O MOTE DA INCLUSÃO: UMA EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA COM ALUNOS DA EJA

Nesse momento vão ser apresentado três etapas do trabalho com cordéis desenvolvido entre os alunos do 3º nível da EJA da escola Municipal Juvenal Lamartine:

No primeiro encontro, foram selecionados alguns cordéis para atividade de leitura da turma. Os cordéis eram colocados previamente antes do horário de aula, para que cada componente da turma que fosse chegando pudesse escolher para leitura um título que mais lhe chamasse a atenção. Os livretos ficavam expostos no espaço de sala de aula, suspenso por um cordão que atravessa todo o espaço da sala. A escolha desses cordéis levava em conta aqueles títulos com histórias engraçadas e criativas, tendo em vista que o interesse do aluno pela leitura só poderia ocorrer a partir de um título sugestivo. Os títulos selecionados apresentavam temáticas diversas (humor, história de morte, animais, política, entre outros) e o aluno ficava a vontade para executar sua leitura. O aluno que era despertado por um título deveria realizar uma leitura individualizada e silenciosa dos folhetos.

No segundo encontro, fizemos algumas intervenções e apresentamos uma abordagem didática sobre gênero cordel, considerando seu desenvolvimento histórico e sua importância cultural. Dentro da abordagem histórica do gênero, traçamos uma ponte entre o trovadorismo e o cordel produzidos no nordeste entre o século XIX a XX. Em seguida mostramos a relação do cordel com outras artes (músicas, xilogravura). E por último, levamos o aluno a identificar as características formais do gênero como estrutura (rima, métrica, estrofes), temática e linguagem.

Num terceiro encontro os alunos finalmente foram solicitados a produzir seus próprios cordéis. Foram envolvidos num trabalho coletivo em que a princípio cada aluno deveria produzir uma estrofe com seis versos cada, de um tema sugerido naquele momento. Escolhemos o tema EJA, pois através desse tema podemos explorar seu cotidiano, bem como as lutas e dificuldades enfrentadas por eles na escola. Cada aluno deveria sugerir um subtema envolvendo o tema EJA. Na possibilidade de surgirem esses

subtemas, propomos para cada um deles um bloco de palavras em que houvesse possibilidade rimas entre elas. Um exemplo disso seria a palavra *escola*. Outras palavras surgiam e eram combinadas formando então uma rima. Palavras como *escola*, *cola* e *rola que* apresentam uma relação sonora entre si e por isso facilitaria a produção de versos pelos alunos. Ao dispor para eles esse grupo de palavras, tínhamos a intenção de fazer com ele pudesse associar a palavra *escola* a *ideia de que nesse ambiente tudo rola*, inclusive a *cola*.

Além das nossas sugestões, os alunos apresentavam várias outras sugestões de palavras que envolvia seu cotidiano na escola e que formavam blocos de palavras que rimavam entre si. Eles sugeriam palavras como “*merenda*” e em seguida procurava encontrar a rima com palavras como “*renda*”, “*lenda*” e “*entenda*”. Ou palavras como “*Direção*” “*coordenação*” “*revisão*”, “*confusão*”. O trecho selecionado é resultado desse trabalho e indica que o aluno utilizou desse grupo de palavras para falar de suas experiências na escola:

Escute meu amigo,
Entenda minha intenção
[...]
[Aqui tudo acontece]
Toda semana tem **revisão**.
A gente não tem aula
E os professores entram em **confusão**.

Depois ter sido feito todo esse processo, os alunos entregaram os rascunhos e foram solicitados a fazer a reescrita do texto. Em seguida, cada aluno entregava seu texto e coletivamente organizávamos a sequência das experiências dos alunos de acordo com que pudesse parecer mais lógico. Depois de pronto texto, um digitador recebia o texto na ordem estabelecida pelos alunos e fazia a montagem final do cordel produzido por eles. Abaixo é possível conferir parte do resultado desse trabalho.

TROPEÇOS E ATROPEÇOS NA VIDA ESCOLAR



O cotidiano na escola e os bastidores de
uma trajetória de lutas e conquistas.

A diagramação final do projeto traz na capa uma xilogravura de Arielvaldo Viana com um aluno já fora de faixa aprendendo a ler através de um cordel. O título “TROPEÇOS E ATROPEÇOS NA VIDA ESCOLAR: O COTIDIANO NA ESCOLA E OS BASTIDORES DE UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS”, sintetiza bem as experiências dos alunos da EJA dentro de seu contexto escolar e indica que esse aluno não é apenas um expectador, mas autor de sua própria história, sugerindo assim que a imagem de um jovem na capa, não se refere simplesmente aos leitores de cordéis, mas ao próprio aluno da EJA diante de sua história.

Conclusão

O aluno da EJA muitas vezes não demonstra nenhum interesse pelo conteúdo formal nem menos pela leitura. Conclui-se então que para que o público da EJA possa se interessar pela leitura e pela escrita é necessário que o aluno trabalhe com textos que apresentem relação direta com sua realidade e que proporcione a ele o prazer de ler e também uma motivação a mais para escrever.

Referências:

CURRAN, M. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 1998.
DIEGUES JR., M. *Literatura de cordel*. Apresentação a BATISTA, S. N. Antologia da literatura de cordel. Natal: Gráfica Manimbu, 1977. pp. I-XXVI.
RESENDE, Viviane. *Literatura de cordel: uma aproximação etnográfica ao gênero*. 2007. Anais eletrônicos. Disponível em: <

<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/137.pdf>>. Acesso em 29 set. 2011.

GALVÃO, A.M.O. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUTO MAIOR, M. *Painel folclórico do Nordeste*. Recife: Editora da UFPE/Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

SILVA, Andréa Betânia da. *O trabalho com cordéis em sala de aula: pendurando preconceitos e colhendo frutos*. Anais eletrônicos. Disponível em: <

http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss02_01.pdf

>. Acesso em 01 de nov. de 2014.

EJA, alunos da. *Tropeços e atropços na vida escolar: o cotidiano na escola e os bastidores de uma trajetória de lutas e conquistas*”. Natal: E.M. Juvenal Lamartine, 2011.